

1

Naquele dia em que fazia doze anos, sentado à mesa, um caldo de couve a fumer, a mãe curvada como se estivesse de joelhos a rezar pela bênção nunca correspondida, o pai endireitou-se na cadeira, colocou as mãos pesadas sobre a mesa, esquecendo, por junto, o caldo e a fome, olhou-o bem nos olhos e disse-lhe numa voz grave:

— Narceu, tu não és nosso filho.

A princípio, não percebeu o sentido das palavras. Era invulgar que alguém, naquela família, dissesse o que quer que fosse na hora do caldo, não fossem acordar mais a fome, e todos sabiam como o pai se sentia culpado daquela pobreza, condenando-se a anos de bebedeiras tormentosas.

Narceu olhou a mãe e viu as lágrimas caírem-lhe numa serenidade sem angústia. Em silêncio. Um pesado e cruel silêncio. E ele, com os seus olhos muito negros, cor da noite, disse apenas:

— Mãe...

Mas ela ficou imóvel, por trás das lágrimas, sem expressão, nem espanto.

O pai já tinha recomeçado a sorver a sopa quando Narceu o olhou e deixou cair na mesa uma outra palavra:

— Pai...

Parecia-lhe um homem bem mais velho, aquele que o olhou com olhos de uma atenção pouco habitual. Mais lentamente do que era seu hábito, pousou a tijela, e disse, como se fosse a primeira vez que contasse uma história de criança ao deitar:

— Já lá vão quase doze anos, houve um naufrágio ao largo da Berlenga Grande...

Era uma história complicada e trágica. Mortos e heróis misturados num desfile de horrores e lágrimas. Gente que vinha não se sabe de onde e que ia não se sabe para onde. O mar, com aquelas poderosas mãos de Deus, a agarrar um navio à deriva e a atirá-lo contra os rochedos. Despedaços de tudo, numa dança macabra na crista das ondas. Um abismo líquido e inquieto. E Narceu ouvia aquela densa narração, como se estivessem a contar-lhe uma das lendas inventadas pelos velhos pescadores, estórias de coisas nunca acontecidas de verdade, criadas sem qualquer razão que se explicasse ao mundo.

Sempre conhecera o pai como homem de maus costumes, mas de bons fígados. Raramente lhe batia. Ainda mais raramente batia na sua mãe. Às vezes, chegava a casa como que dormente, uma baba nojenta a escorrer-lhe dos lábios, a fala atrapalhada pela língua e a mãe, numa paciência viciosa, a perguntar-lhe:

— Quê, Toino?... Quê?

Algures, no meio da tempestade, entre mares e ventos assustadores, um pescador, de braços fortes e ainda não cansados de redes, arriscara a vida para salvar uma criança. Ninguém saberá quem foi esse homem. Terá desaparecido no nevoeiro do tempo, conquistando, pelo pudor próprio dos silêncios, a divina lenda do milagre. Sabia-se, sim, o destino do menino. Um padecimento de quase morte, uma salvação dos céus e o transitório aconchego de um convento de freiras tementes a Deus e aos infernos do mundo, que dele cuidaram depois de o terem recebido numa roda de madeira, embrulhado num cobertor branco, que é a cor dos anjos quando descem à terra e não se querem confundir com os homens. Sem nome proposto, sem bilhetes de arrependimento, sem vestígios de mãe. Não haveria exposto mais anónimo do que ele.

— Felizmente, rapaz! — terá sido o que, então, disseram.

Como «felizmente»? Que expressão tão sem jeito para ser usada num conto negro. Narceu não entendia, sequer, o eu, naquela história. Não se lembrava do frio, nem do sal do mar, nem de heróis de braços mais fortes do que as ondas. Também não se lembrava de cuidados de freiras, ou de andar a girar numa roda de madeira, enrolado num cobertor de lã branca. Tudo lhe parecia distante, improvável, se não mesmo impossível.

— Gente que não se sabe de onde, nem para onde.

Assim dissera, antes, seu pai. E era, afinal, tudo o que havia dele. Nem mãe nem pai feitos de gente viva, apenas um mistério que nunca, alguém, parece ter tido interesse em conhecer, porque o que verdadeiramente importava é que tinha sido aquela a vontade de Deus.

Tudo o que Narceu antes julgava ser se apagava. Não conhecia o outro que, afinal, ele era. Um rapaz sem passado, sem história, não nascido, mas oferecido por graça divina a uma família devota e pobre, com uns campos seus por tratar e a precisar de mãos e músculos de homem para o amanhã da terra. Tudo em glória de um santo mistério. Ele era, em carne e osso, o sublime milagre de que falava o padre Celestino nas angustiadas homílias das missas de domingo, quando erguia os braços na direção do céu e anunciava, em êxtase, o nome de Deus todo-poderoso, rei dos céus e da terra, nunca se esquecendo de juntar «dos mares e dos ventos e que em boas graças tem a nossa muito amada família real».

Anos e anos a ver aquela gente velha e gasta, roída pelos dentes do tempo e da terra, olhando-o de soslaio, meio de interesse coscuvilheiro, meio de medo a satanás. Quando, de certa vez, falou de tal ao padre Celestino, ele riu-se, pôs-lhe a mão na cabeça e segredou-lhe numa intimidade de confessorário:

— Tu serás, para todo o sempre, a ovelha preferida de Deus, neste rebanho de perdição.

A pouco e pouco passavam, num pensamento enevado, palavras, frases soltas, ideias velhas que julgava esquecidas e que a sua cabeça confusa ia recuperando, dando-lhes um novo sentido. Compreendia, agora, o inexplicável privilégio de ter ido à escola aprender letras e números, o que era raríssimo em miúdos da sua condição e caso único na Columbeira. Sentia-se como se, dentro dele, sem aviso, nascesse um outro. Legitimamente se perguntava se viria então daí o tão estranho nome de Narceu.

Há momentos em que o pensamento se revela e os outros ouvem como se fossem ditos.

E a sua mãe, sem coragem de erguer os olhos, disse:

— Narceu. Não nos deixaram pôr-te o nome de Nasceu dos Santos. Mas Narceu poderia ser, e Narceu ficaste para o mundo, mas não para

mim. Tu não nasceste como os outros, tu nasceste, como Jesus, de um milagre de Deus.

O caldo ficara frio, com pequenas bolhas de gordura de toucinho a boiar, pareciam náufragos à espera de um pescador de braços fortes para lhes estender uma mão divina. E a mãe, subindo o rosto, a olhá-lo com olhos-água, nem mais uma simples e curta palavra, nem uma mão estendida a salvá-lo daquele mar revolto em que se perdia. Lá fora, apenas o vento a zurzir nas ramagens da árvore grande, para lá do silêncio das vozes, entre os gestos vagos e a natureza tão triste do seu ser.

— Não sabemos de onde vinham, nem para onde iam.

Hoje, tanto tempo já passado sobre aquele dia irreal em que lhe contaram que fazia doze anos, Narceu continuava a pensar que toda a sua vida, afinal, não tinha sido um milagre, antes uma piada de Deus.

Que nome singular: Narceu dos Santos. E, no entanto, ninguém alguma vez reparara na coincidência dessa divina comédia que é um nome que, por si só, esconde em vez de mostrar. Um nome que ninguém imaginava fazer todo o sentido. Coisa que ele também só entendera depois daquele dia em que seu pai lhe falara de um deus herói, vestido de pescador, de um convento de freiras solitárias, de uma roda de madeira e de um menino que, por milagre, nascera das entranhas dos mares, numa dança macabra de ondas e despedaços de navio.

Narceu passou anos a acartar consigo todo o peso de não saber quem verdadeiramente era. Perguntou muito e a muitos por esse mundo, mas todos o aconselharam à resignação de um santo recolhimento.

— Não te basta o milagre de teres sido o escolhido de Deus?

Para o padre Celestino, o menino nascido dos mares era a prova viva que sempre cuidava de exhibir aos que se atreviam, mesmo que só em secreto pensamento, a duvidar da existência divina. Toda essa canalla republicana que, da capital, contaminava o país e tentava alcançar, com o braço longo do Diabo, o nosso bom e santo povo, povo de gente simples, mas obediente às escrituras sagradas e às leis do Senhor.

O padre chegara a escrever ao bispo, sobre a milagrosa história de Narceu. Era uma longa e sacra carta, que deixava escondida a

esperança do clérigo se impressionar com a boa nova de um eleito de Deus a viver naquelas esquecidas terras da Columbeira, onde tinham penado os corpos e as almas dos heróis da Roliça, e a fizesse chegar ao Paço Real. Daí que, por vezes, naqueles ócios pasmados de fim de tarde, ele próprio se perguntasse, em frente ao altar da capela do Senhor Jesus da Boa Hora, entre orações e respeitos sagrados, se alguém, com o privilégio de se sentar próximo do trono, já ouvira falar de si, o padre Celestino, e lhe atribuíra, à razão da letra, a boa ideia de configurar uma importante entidade celestial.

Havia um pacto entre o pai de Narceu e o velho pároco. O primeiro, não sendo propriamente um exemplo de cidadão, comprometia-se a encaminhar o filho nos ensinamentos do sagrado. O segundo prometia não consentir a mais pequena tentação de alguém vir a remexer na perturbadora vergonha daquele pobre aldeão nunca ter tido filho homem de verdade, parido em dor e sangue por sua mulher.

Quanto à mãe de Narceu: desde aquele dia, desaparecida. Há, na casa, uma mulher com o mesmo rosto sereno e vago, rugas mais profundas, como se tivessem sido feitas pelo canivete de Deus, o mesmo corpo angular de magreza excessiva, mas ninguém lhe poderá descobrir a mesma alma, nem, sequer, a mesma vontade de mãe.

Narceu não se surpreendia. Se ele era um outro, como poderia, a mãe, ser a mesma? Todos tinham morrido. Não no corpo, mas na alma, que é o que, verdadeiramente, importaria a Deus.

Os anos tinham passado iguais na mansidão própria dos lugares onde nunca nada acontece. Os rapazes da idade de Narceu já fumavam às escondidas e falavam, entre eles, sobre desejos de mulher. Mas ele não. Quando estava, parecia tão longe que ninguém ousava metê-lo na conversa. No início, ainda estranharam essas ausências do mundo, mas acabaram por se habituar à natureza do amigo que vivia sempre metido consigo, sem lamentos que se lhe ouvissem. Narceu não podia explicar a razão de apenas querer saber de si e de quem o levava a viajar naquele barco afundado por Deus, que vinha só Deus sabe de onde e que ia só Deus sabia que para ali.

Houve um fim de tarde quente de verão, em que se atreveu a confessar um pensamento ao padre Celestino.

— Eu sou como Cristo. Foi Deus quem me matou para depois me fazer ressuscitar.

Acabou desancado a varapau. Só se lembra das veias do pescoço do padre Celestino a quase rebentarem e de um grito medonho:

— Deus salva-nos, não nos mata!

Ora, então, soltou-se, de si, o diabo.

— Matou os meus pais, sim, e matou-me a mim também. Aquele que ele salvou foi um outro que de mim nasceu.

O padre ainda mais se avermelhou de raiva, mas Narceu voltara a sentir-se calmo, quando lhe disse como quem atira uma pedra:

— Vossemecê mente a toda a gente. Eu não sou um dos milagres de Deus. Eu sou um dos seus pecados.

Foi esse o dia em que o seu pai se transformou num bicho que nunca, antes, alguém tinha visto, nem conhecia. Arreou-lhe uma tarefa que o deixou estendido na terra, o corpo e a alma misturados em sangue. O padre Celestino contara tudo, deixando, como certa, a evidência de que satanás tinha entrado na cabeça de Narceu. Depois, deixou um veredito, antes de virar costas e zarpar para uma sombra que lhe desse algum sossego e o tirasse daqueles calores.

— O rapaz está possuído pelo demónio chifrudo e eu já não o consigo salvar.

Narceu nunca soube por que razão o pai achava que o diabo haveria de sair do seu corpo à paulada, mas o certo é que, durante semanas, ficou impossibilitado de trabalhar na oficina do Armando, o mestre marceneiro da Ribeira Grande, de onde saíam os móveis e os retábulos mais artísticos de toda a região. Não só o mestre lhe descontou nos dias em falta como se esfumaram as pequenas economias da família, como paga de benzeduras feitas e desfeitas pela bruxa Aida, reconhecida, em toda a região, como a mais competente na difícil arte do arrancamento de demónios do corpo.

É muito duro ser-se herege numa aldeia de crentes a Deus e a todos os santos que a igreja lhes ofereceu para não se sentirem sós, fechados entre paredes de pedra. Com o tempo, porém, cresceu a ideia de que ninguém pode evitar o diabo. O tal chifrudo, quando quer entrar, não pede licença, e aquele em que habita deixa de ter vontade própria, deixa

de ser responsável pelo que pensa, pelo que diz, pelo que faz. Bem vistas as coisas, Narceu era agora entendido como aquele que, sem culpa e sem cruz, sofreu.

— É a vontade de Deus — dizia, mais piedoso, o padre Celestino, batendo devagarinho naquele seu peito de rola velha, e olhando, sem sinais de arrependimento, o rosto ainda negro e inchado de Narceu.

— Tens de aprender a viver em paz o feliz milagre da tua salvação.

E tal conselho foi acompanhado com um gesto amplo do sinal da cruz.

Toda essa conversa beata o enojava, mas, da sua boca, nem mais uma palavra o padre ouviu, que o corpo, por vezes, nos ensina mais do que a cabeça.

A partir de então, quando a conversa entrava pelos caminhos de Deus, Narceu desandava logo que podia e para que não o pressentissem demasiado rebelde. Seguia pelas veredas apertadas que sobem ao Picoto, sentava-se junto à cruz dos mártires da batalha da Roliça, e ficava ali, só e pensativo, entre almas penadas de portugueses e franceses, olhando os montes crispados que enredam a aldeia. Entretinha-se, então, na descoberta das pequenas coisas, no desenho do mapa das ruas e das casas que via ao fundo da escarpa. Protegia-se, assim, de si próprio e dos outros.

Desde miúdo que sempre gostara de subir ao alto da serra do Picoto, de se elevar no mundo, de sonhar com o que estava para lá dos montes que conseguia ver. Pensava em Lisboa, que nunca vira, nas histórias mundanas dos homens que conhecem melhor a vida e falam de mulheres belas, como não existiam na Columbeira. Iniciara, recentemente, um novo esforço para tentar entender quem seriam esses tais republicanos que o padre Celestino tanto odiava. E isso bastou para decidir tomá-los como seus aliados.

2

— Lisboa anda um caos e Portugal numa dolorosa miséria. Abaixo a monarquia! Viva a república!

Quem assim falava, na tasca do Zé Pitó, era um tal de João Bentes. Tinha por audiência, meramente ocasional, um pequeno grupo de homens tão curiosos quanto assustados. Não era a primeira vez que o homem da cidade grande usava aquele cenário de balcão de mármore e pipas de vinho para clamar, com uma exagerada teatralidade, pelos valores da república. Insurgia-se contra padres e monárquicos e prometia o paraíso após a revolução. Na verdade, o povo ouvinte era sempre escasso e mesmo aquele que se afoitava a participar naquelas missas negras não o aplaudia nas ideias perigosas de tanto maldizer dos padres, de el-rei D. Luís e da rainha Dona Maria Pia.

Bentes adorava discursar juntando o gesto a palavras definitivas. Infelizmente, para ele, era um orador sem público. E o que ia arranjando, não somava mais de uma meia dúzia de homens brutos, gente de desrespeito a deuses e a homens, de uma existência irrelevante. Para Narceu, porém, João Bentes era um líder espiritual e político. E, por isso, quando vinha de Lisboa, em visita aos seus velhos pais, e se demorava uns poucos dias na aldeia, tentava estar o mais tempo possível com ele. Arranjava sempre maneira de meter o padre Celestino na conversa e deliciava-se com o que ouvia.

— Um asno. Um beato é mau. Um beato asno é uma calamidade pública — sentenciava Bentes.

Narceu nem dizia que sim nem que não, não se atrevia a tanto, mas achava que o homem, inteligente como era, bem entendia, pelo seu

sorriso e talvez também pelo sossego de gestos, que havia nele um comprovado acordo.

Bentes achava que não perdia tempo naquelas conversas. Aquele rapaz era diferente dos outros e ouvia-o porque procurava uma luz de esperança que o tirasse daquele marasmo de uma aldeia adormecida de vontades e de pensamentos, dominada por um padre que fazia acreditar que os pobres da terra, como os da Columbeira, quando morressem, seriam os ricos nos céus. A oferta era irrecusável, até porque se está muito mais tempo morto do que vivo. Deus não era, apenas, misericordioso, Deus era justo e, por isso, aqueles que penavam durante a curta existência de uma vida, teriam à espera, depois de encomendados e devidamente enterrados, uma infinita felicidade. Quanto mais pobre e mais resignado com o sofrimento, maior seria a glória da sua alma e a riqueza na vida eterna.

Com o tempo de maior proximidade e confiança, os conselhos foram-se tornando mais destemidos:

— Logo que cresças, vai para bem longe desta escumalha de padrecas e beatas falsa. Põe-te a milhas daqui e nunca olhes para trás. A religião é a pior doença da humanidade. É por causa dela que temos um povo analfabeto e um país atrasado.

Lá em casa, a ninguém passava pela cabeça que Narceu se encontrava com o republicano João Bentes. Muito menos que o admirava como homem culto e sábio. Não se podia dizer que já fosse seu amigo, mas gostava de saber que aquele homem, que vivia em Lisboa e tão bem conhecia o mundo, o respeitava e o considerava digno de conversas sérias.

— És um rapaz esperto, nunca te deixes enganar por esta gentinha que dentro da cabeça tem água benta, em vez de cérebro.

Quando Bentes disse isto, Narceu soltou um riso genuíno e raro:

— Ris de quê, Narceu?

Envergonhado, ficou com cores fortes na face.

— De quê, rapaz?

E ele, acossado como um coelho apanhado desprevenido:

— De vossemecê ter dito que eles tinham água benta dentro da cabeça e de vossemecê se chamar Bento. Vossemecê é como eu, temos nomes que é uma mentira de nós.

Estranho pensamento, este, para um rapaz de aldeia, mas são estas conversas que fazem os amigos. A verdade é que, por gentileza ou simpatia, João Bentes também começou a rir, deu-lhe uma palmada nas costas, como se Narceu fosse da sua condição, apontou o alto do Picoto e voltou a ficar sério, quando lhe falou:

— Tens de me prometer que logo que cresças mais meio palmo desandando daqui para fora. Vai para Lisboa, conhece o mundo. Salva-te da ignorância e da miséria. Prometes?

Muita água despejariam as fontes do Vale do Roto, até que Narceu pusesse, pela primeira vez, os pés na capital. Antes de isso acontecer, cumpriu um outro atrevimento mais pequeno, mas com o qual sempre sonhara. Foi, de jornada solitária, até à beira do Atlântico.

Era longo, o caminho. Saindo ao nascer do Sol, uma manhã inteira a andar. Mas não era preciso tanto para começar a ver o oceano. Dez quilómetros de estrada e, logo depois do Reguengo Grande, ao longe, uma imensa mancha azul e, num recorte enevoadado, bem ao fundo das vistas, metida numa bruma suave, a Berlenga.

Já perto do meio-dia, Narceu chegou a uma ponta de terra, que se debruçava sobre uma praia. As ondas faziam escorregar espuma pela areia, havia pouco vento, mar até ao infinito, um sossego que não conhecia. Haveria de se sentir feliz naquele lugar, não fora ter reparado, com surpresa, numa pequena tábua carcomida pelos bichos: **PRAIA DOS FRADES.**

Um arrepio de espinha, que não durou muito, porque logo prendeu o olhar numas rochas verticais e imperfeitas, metidas pela água adentro, namoradas por gaivotas. Perdeu a noção do tempo, a procurar um ponto imaginário do mar, entre Peniche e a Berlenga, como se esperasse que naquele dia viesse Deus pedir-lhe perdão do seu pecado e lhe apontasse, com o braço forte do pescador que o salvou, dizendo:

— Foi exatamente ali!

Narceu não entendia porque precisava tanto de saber, mas depois chegou-lhe a ideia de que era como querer saber do lugar em que nascera. Toda a gente tinha um lugar seu na terra. O seu lugar era no mar.

Fugido dos deveres de aprendiz de marceneiro, Narceu voltaria ali mais umas quantas vezes. De uma dessas vezes, chovia muito e,

mesmo assim, decidira ir. Não se sentia enregelado pelas rajadas do vento norte, que lhe batiam no rosto com aquelas manámulas abertas e frias de um mar zangado. Foi nesse dia que experimentou um novo deslumbramento, uma atração inexplicável, que o aproximava do abismo. Na sua frente, apenas aquele mar, que era tudo o que os seus olhos alcançavam, e ele a desejar mergulhar no mais fundo de si, como se só assim se pudesse encontrar.

De seus pais verdadeiros, vindos de não se sabe de onde e indo para não sei o quê, nunca ouviria contar. Terão morrido, como todos os sofrendores que se afogaram e que por aí andam com almas de nevoeiro, nas suas novas vidas marinhas, cheios de saudades de gente.

Gostava de ouvir os pescadores contarem as lendas que o mar inventou. Falaram-lhe dos cânticos que chegavam do oceano nas noites de inverno e que não se confundem, nem com os ruídos roucos do mar, nem com os silvos dos ventos. São diferentes, mais humanos, mais angustiantes, como se fossem sereias viúvas no desconsolo de uma tristeza impossível de virar.

Narceu também achava que já as tinha ouvido. Nunca fora homem de inventar, nem de crer em lendas, mas era capaz de jurar que as tinha ouvido suplicar pela terra e pelos homens que nela vivem. Quem, como ele, se soubesse meter por dentro da solidão e estivesse junto aos penhascos da costa, talvez também já tivesse ouvido o que ele ouvira. Vozes de mulheres que o tentavam à morte para a elas se juntar. E por vezes pensava: *Não digo que seja minha mãe. Não sei se sim. Se soubesse, se tivesse a certeza, eu haveria de saltar daquela rocha negra. Saltaria sem medo do fim, ou do princípio de mim.*